

IRTON MARX: A CONGRUÊNCIA DA INSENSATEZ

Carlos Roberto Winckler*

*"Ich lachte und lachte,
während der Fuss mir nur noch zitterte und
der Herz dazu: Hier ist ja die
Heimat aller Farbentöpfe."*

Friedrich Nietzsche

A tentação de ridicularizar ou demonizar é quase inevitável no exame do pensamento social de Irton Marx exposto em **Vai Nascer um Novo País: República do Pampa Gaúcho** (1990). Defender a tese de que a criação de um novo Estado nacional com base geográfica no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e, eventualmente, Paraná seria o sonho tresloucado de uma minoria de birutas com exigua ou nenhuma base social relevante, influenciados pela pregação de um delirante. Outros vêem na tese o ressurgimento do velho fascismo transmutado, o retorno do perigo alemão camuflado pela evocação da Revolução Farroupilha (a bandeira pampeana recorda a bandeira nazista) ou, em termos mais genéricos, a volta de certo espírito separatista, endêmico na alma gaúcha desde as lutas imperiais.

As teses de Irton Marx não devem ser discutidas tendo em vista simplesmente a desqualificação de suas afirmações, consideradas como fruto de sua imaginação doentia. A representação de suas teses — apesar de certo apreço pelo sensacionalismo por parte da mídia — não deriva exatamente de suas qualidades ou virtudes científicas. Certamente o mais adequado não é tomar como critério analítico a adequação ou não entre o texto e a realidade, mas as idéias ou representações do real vinculadas pelo texto e a quem o texto se dirige. Cabe ainda recordar que a produção ideológica é também uma dimensão da *praxis* social tanto quanto as ações efetivamente realizadas.¹

Não obstante o pensamento de Irton Marx organizar-se por imagens que articulam os dados da experiência imediata, dando uma aparente unidade aos fenômenos descritos, é possível se discernirem aspectos centrais de sua elaboração, conforme o esquema a seguir.

* Sociólogo da FEE e Professor da UCS e da FAPA.

¹ Ver aspectos metodológicos desenvolvidos por Marilena Chauí (1978).

Objeto de análise	Razões da insegurança e desigualdade social
Modelo antropológico	O homem é egoísta, individualista, materialista
Foco normativo	Integração e harmonia social
Solução social específica	Criação da República do Pampa
Conceitos e imagens de explicação	Desigualdade Conflito Desagregação moral Evolução social e biológica Reorganização social Democracia Autoridade Leis

Apesar do espírito predatório em relação à natureza e do individualismo possessivo inerentes ao ser humano — sinais de sua fraqueza —, é possível, para Irton Marx, a evolução, mesmo porque o surgimento de homens especiais que têm a tarefa de reeducar a Humanidade evidenciam a inevitabilidade do futuro desenvolvimento.

"Ninguém pode barrar a trajetória de um ser humano, sobretudo quando suas idéias fogem do convencional, abrindo as portas de uma nova era. Enquanto colocarem obstáculos no desenvolvimento destas pessoas, é certo que os problemas continuarão insolúveis. É por isso mesmo que a raça humana se perde pelas estradas da vida, desconsiderando a sua obrigação terrena, fugindo das responsabilidades, escondendo-se da sua realidade, não raro, dada a sua intransigência humana." (MARX, 1990, p.12).

Todavia a responsabilidade da reforma social não deve recair apenas sobre os ombros da liderança, devendo ser partilhada. Se o egoísmo fragmentou a sociedade, é imperativo o resgate do convívio coletivo. O egoísmo, fonte da discriminação social, gera grupos fechados e formas de governo que apenas protegem os mais abastados, que, por traços individualistas mais acentuados, souberam acumular bens materiais em detrimento da grande maioria.

Em síntese: a origem da desigualdade estaria fundada no roubo, no logro de seres humanos mais frágeis, produzindo uma sociedade que, na fase industrial, robotiza assalariados. A própria religião, ou religiões, não estaria isenta de responsabilidades nesse cenário, na medida em que preserva preconceitos pré-científicos e compartilha do sistema de logro. Seria necessário, nesse sentido, refundar a crença religiosa e integrá-la a um amplo processo de reforma espiritual futura.

Em um contexto de predisposição ao egoísmo e ao logro combinado "com desgraças deixadas pelo avanço tecnológico" (MARX, 1990, p.34), abrem-se as fendas da degradação da natureza, do aumento das tensões sociais, da concentração de renda, do desemprego, do corporativismo empresarial e trabalhista e da degeneração política.

Por outro lado, todos os sistemas políticos existentes (capitalismo, socialismo, comunismo, teocratismo, militarismo) revelaram-se ineficazes como solução. Os direitistas (capitalistas) buscam acumular bens e riquezas imobiliárias, explorando a classe operária e outros profissionais. Os esquerdistas (socialistas, comunistas) proclamam a necessidade de dividir a riqueza. Os de centro, na verdade, defendem a continuidade da exploração de forma disfarçada, tal como a centro-esquerda.

Em nome da liberdade e da livre empresa, os direitistas não hesitam em atitudes imperialistas ou em pisotear os socialmente indefesos. Em nome da igualdade, os esquerdistas realizam reformas sociais, mas sacrificam a liberdade de escolha individual.

Assim, as idéias generosas do socialismo transmutam-se em capitalismo de Estado, com uma nova casta no topo, e, no capitalismo, tem-se o domínio absoluto dos grandes setores privados. Resultado: crise material e moral permanente no capitalismo.

"São muitas as causas que explicam esse problema, onde se destacam a substituição do homem pela máquina, o monopólio manufaturado de muitos setores, a concentração das riquezas em poder de poucos privilegiados, a inoperância e falta de boa vontade do sistema governamental, a intransigência patronal, a ganância de muitos dos empregados que querem tudo para si, e, até mesmo, pelo massacrante poder de alguns sindicatos, que dirigem e orientam os empregados de entidades básicas da economia da nação." (MARX, 1990, p.34).

Em meio à desorganização, ocorre a degenerescência social. Nascidades, vagam drogados, metaleiros, *hippies*, vagabundos. Máfias organizam-se nos grupos miseráveis e nas classes abastadas. A luta pela regeneração deve começar nos atos cotidianos. O bom cidadão bebe moderadamente, não fuma, respeita todas as formas de vida e, tendencialmente, no futuro, caso ocorra a reforma social, tornar-se-á vegetariano. Boa parte dos problemas acabam por se refletir na desorganização urbana. Daí a necessidade de um amplo movimento pela reforma agrária, urbana e de descentralização decisória, que, no caso brasileiro, exige a redefinição da divisão política do País, de resto uma tendência observável em escala internacional.

Além disso, o Brasil:

"Deve reconhecer que falhou em seus propósitos desde o início, que não comporta, dado o seu enorme território, governar seus súditos, cujas idéias e tradições diferem a cada quilômetro rodado. Deve reconhecer que o país é grande demais e o que servir de um lado não agradará o outro" (MARX, 1990, p.56).

Sintomas desse desagregar se registram na luta pela posse da terra, nas manifestações de rua, dos sindicatos, da Igreja. Provas cabais do descontentamento gaúcho.

O movimento separatista surge como solução, na medida em que resgata velhas tradições de honra e dignidade, estabelece novos critérios de conduta ético-moral e propõe um modelo social fundado na redistribuição da riqueza, com a presença benevolente do Estado.

Nesse ponto, Irton Marx cria imagens, amálgama da experiência cotidiana, que expressam certo senso comum.

"As favelas, as doenças contagiosas, a desorganização social, urbana e rural, as agitações insanas, a corrupção generalizada, a carestia, a falta de pudor e de respeito individual, a destruição da família e do meio ambiente, a exploração do homem pelo próprio homem, a sonegação de impostos, a falta de educação, de cultura evolucionista em nossa gente, a delinqüência juvenil e adulta em nossas avenidas, o banditismo que anda por aí, a sujeira corpórea e espiritual do nosso povo, a robotização da classe trabalhadora, a implacabilidade de nossos soldados, a inconfiabilidade em nossos policiais e nas decisões judiciais, a falta de visão nos movimentos populares, as depredações públicas e privadas, a prostituição que tomou conta da nossa gente, o uso abusivo (sic!) das drogas e a falta de compaixão pelo seu próximo são conseqüência de sistemas livres em demasia, que confundem liberdade com libertinagem, que não evoluem no tempo e no campo social, cultural, econômico, político e religioso e, como tais, não podem por si só se dispor a entender e a modificar o panorama geral da nação" (MARX, 1990, p.58).

Eis o trecho exemplar de todos os temores que assaltam o espírito pequeno-burguês, e cuja raiz fundamental estaria na desagregação social provocada pelo excesso de liberdade ou de individualismo possessivo imperante nas relações sociais. Superar tal estado de coisas exige autolimitações sociais e individuais com forte regramento, que persiga a integração e a harmonia sociais.

O Brasil, graças ao caráter de sua genté (avara, egoísta, presunçosa), ao sistema de poder político estabelecido pelas "atrasadas e medievais oligarquias nordestinas" e ao domínio econômico de São Paulo, responsável pela dívida externa e pela inflação, está sendo conduzido ao desastre. A solução definitiva para a crise sócio-econômica e moral seria o separatismo. Somente um sistema forte, rigoroso, honesto, disciplinado, concretizado na República do Pampa seria capaz de transformar mentalidades, de criar um espírito moderno e comunitário, de estabelecer uma estrutura estatal eficaz, democrática e distributiva, visando à "fusão das classes sociais".

No centro das iniciativas políticas, visando à consecução desse novo modelo social, estaria a limitação da propriedade privada (ninguém poderia possuir mais de uma propriedade, no campo o limite seria estabelecido em 100ha); seria vedada qualquer forma de monopólio comercial e industrial; incentivar-se-ia a constituição de sistemas cooperativos, com forte participação estatal em diferentes setores da produção; o sistema financeiro seria majoritariamente estatal nos três níveis da administração; não se admitiriam aluguéis de propriedades residenciais; haveria restrições à monopolização dos meios de comunicação de massa; existiria ampla descentralização tributária; os níveis salariais variariam entre dois e seis salários mínimos, segundo critérios do DIEESE. Não haveria maiores restrições aos investimentos estrangeiros, desde que não criassem situação de monopólio.

Em termos genéricos, a estrutura política da República do Pampa adotará um sistema unicameral, presidencialista (admitindo-se o parlamentarismo), pluripartidário (com um máximo de 10 partidos) e com realização de eleições periódicas e de plebiscitos, tendo como objeto a atuação de seus governantes. O número de ministérios não deverá ser abusivo. O País será dividido nas seguintes províncias: Charrua,

Gaudéria, Piratini, Rio-Grandense, Missões, Livia, Sepívia, Açoriana, Juliana, Catarinense, Nova Teotônia, sendo a capital sediada em Porto Alegre.

A viabilidade econômica da Nova República estaria garantida de antemão, dada a sua diversificação industrial e auto-suficiência agrícola, apesar dos interesses estrangeiros e da exploração brasileira, que teriam drenado, nos últimos 20 anos, bilhões de dólares. O desinvestimento teria sido causado pela "política irresponsável, discriminadora e racista de Brasília", beneficiando, em última instância, interesses na Zona Franca de Manaus e no Nordeste, além de favorecer as transnacionais paulistas! (MARX, 1990).

Todavia a crise não se resolve apenas pelo reordenamento econômico e político, a resolução efetiva exige uma revolução ético-moral que regenere os valores familiares, erradique a prostituição, incentive a participação da juventude na vida esportiva, desenvolva o espírito comunitário.

"Nossa Semana da Pátria será marcada com grandes festividades, tendo grandes desfiles cívico-militares, bem prussianos, vigorosamente organizados, onde colégios, sindicatos, exército e demais segmentos sociais empolguem as massas populares." (MARX, 1990, p.140).

Segundo o autor, não se pode incorrer nos mesmos erros da antiga dominação. O povo pampeano deverá respeitar tradições, sem ser passadista, ser moderno na busca da industrialização, tendo clareza de que os exemplos de trabalho e de dedicação vêm das zonas de colonização alemã, italiana, polonesa, e outras, pois, nas zonas de origem portuguesa, dado o peso "feudalista" da grande propriedade, nada viceja.

O processo de evolução social articula-se com uma vaga idéia de evolução biológica, fundante de uma nova aristocracia do espírito, superior por predisposição cerebral, merecedora do reconhecimento social e do exercício do poder político. Nesse sentido, as reformas deverão ser implementadas democraticamente por governantes que sejam capazes de mostrar ao povo "(...) o quanto agem de forma errada, o quanto se perpetuam em credices e práticas errôneas" (MARX, 1990, p.222).

Esse racionalismo *aufklärer* tardio mal encobre teses racistas, pois a democracia irtoniana se alicerça no "apartheid racial", ao sugerir que "(...) o negro deve orgulhar-se de sua raça e buscar na sua própria gente o seu companheiro ou a sua companheira de vida". (MARX, 1990, p.189). A bem da verdade, admite o pleno direito à cidadania e à igualdade de oportunidades, em que pese à sugestão discriminatória.

Enfim, a quem se dirige esse discurso?

Certamente não à burguesia, aos grandes proprietários rurais ou à nova classe média integrante dos quadros técnico-administrativos dos setores modernos do capitalismo brasileiro.

Trata-se, e esta é uma hipótese a ser trabalhada, de um discurso defensivo, dirigido a setores médios tradicionais (funcionários públicos, profissionais liberais, pequena burguesia urbana e rural), que vivem dramaticamente a crise do pacto federativo, vigente durante o período desenvolvimentista (anos 1930-80) e que se traduz, hoje, na agonia da capacidade da intervenção estatal. A crise dos anos 80, de expressão internacional, encontrou um Estado passivo, sem capacidade estratégica, voltado à política de curto prazo, permeado por interesses cartoriais e núcleo de disputas de grupos capitalistas urbanos e agrários de expressão.

O fim do ciclo desenvolvimentista dá-se concomitantemente à configuração de um quadro internacional, onde o Estado assume nova feição, devido à

internacionalização produtivo-financeira. Não é gratuita a compreensão dos separatistas de que se constituem novas elites internacionais, sendo as esperanças neoliberais de um mundo unificado um engodo.²

O temor e a insegurança frente à nova realidade estabelecem para esses setores tradicionais um dilema: como articular um discurso, tendo como tema mobilizador a crise contemporânea, que concilie o passado e a tradição, preservando a identidade contra os riscos reais de desintegração sócio-cultural e os novos desafios econômicos, políticos e científicos. O apelo a sábios iluminados resultantes da decantação evolutiva possui exatamente o propósito de realizar a mediação do passado exemplar, através de um presente tormentoso, com um futuro radioso: a concretização de uma sociedade industrial harmônica, cooperativa, democrática, constituída por pequenos e médios proprietários e assalariados, operosos e racialmente divididos, regidos por princípios científicos resultantes da ampliação crescente da capacidade cognitiva humana.

Pitadas de positivismo, da ética protestante, de democracia rousseauiana, de racismo e, *last but no least*, de gauchismo compõem essa bizarra bricolagem. Ideologia de acuados, porém não de agentes passivos diante da derrota.

Talvez só reste lembrar Nietzsche, referido na epigrafe, quando criticava a ideologia pequeno-burguesa alemã no final do século passado.

"Eu ria e ria, enquanto os pés e também o coração apenas ainda tremiam: esta é sim a pátria de todas as cores (*Farbentöpfe*)!"

Bibliografia

- CHAUÍ, Marilena (1978). **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GLASER, Hermann (1985). **Spießler - ideologie**. Friburg/Deutschland: Fischer Taschenbuch Verlag.
- MARX, Irton (1990). **Vai nascer um novo país: República do Pampa Gaúcho**. Santa Cruz: Excelsior.

² A essa altura, é evidente que o projeto separatista de Irton Marx é quase antípoda dos projetos autoritários da Primeira República, como o de Alberto Torres, que desejava um Estado centralizado na sociedade oligárquica, liberto de opiniões ou tendências particularistas. É diverso também do Integralismo de Plínio Salgado, a favor do Estado nacional forte, antidemocrático, organizado em bases corporativas, nacionalista e cristão. Difere do projeto separatista contemporâneo, como o da Liga Lombarda, no norte da Itália, ultraliberal em seus propósitos econômicos e políticos ao pretender reduzir drasticamente as funções do Estado italiano e, em prazo mais longo, dividir a Itália em cinco repúblicas. A proposta irtoniana certamente possui afinidades eletivas com o germanismo difuso presente nas áreas de colonização alemã no Rio Grande do Sul.